

## POVOS INDÍGENAS E LIVROS DIDÁTICOS NO BRASIL: Conteúdo e representações (1930 – 1964)<sup>1</sup>

Cláudio Felix dos Santos<sup>2</sup>,  
Emily Souza Salgado<sup>3</sup>  
Ana Clara Souza Santos<sup>4</sup>

### RESUMO

Esse trabalho apresenta resultados da pesquisa intitulada “Povos indígenas e livros didáticos no Brasil: da representação à autoria.”. A pesquisa tem por objetivo analisar a relação entre a situação histórica que envolve a opressão, as lutas e organização dos povos indígenas no Brasil e a produção científica acerca desses povos e sua expressão nos livros didáticos de história no século XX e na primeira década do século XXI. Nesse resumo expandido apresentamos os resultados da investigação abordando os povos indígenas nos livros didáticos dos anos 1930 a 1960.

**Palavras-chave:** Livros didáticos; Lutas sociais; Povos Indígenas.

## INDIGENOUS PEOPLES AND TEXTBOOKS IN BRAZIL: Content and Representations (1930–1964)

### ABSTRACT

This paper presents the results of the research entitled "Indigenous Peoples and Textbooks in Brazil: From Representation to Authorship." The research aims to analyze the relationship between the historical situation involving the oppression, struggles, and organization of Indigenous peoples in Brazil and the scientific production about these peoples and their representation in history textbooks in the 20th century and the first decade of the 21st century. This expanded summary presents the results of the investigation addressing Indigenous peoples in textbooks from the 1930s to the 1960s.

**Keywords:** Textbooks; Social struggles; Indigenous peoples

### INTRODUÇÃO

A pesquisa, intitulada “Povos Indígenas e Livros didáticos no Brasil: da representação à autoria”, investiga como as imagens e conceitos acerca desses

---

<sup>1</sup> Pesquisa financiada em forma de Bolsas de Iniciação Científica pela FAPESB.

<sup>2</sup> Doutorado Educação UFBA; Professor de História da Educação na UESB e no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. claudio.felix@uesb.edu.br

<sup>3</sup> Estudante do Ensino Médio, Colégio Padre Palmeira e Integrante do Programa de Iniciação Científica Júnior (FAPESB/UESB)

<sup>4</sup> Estudante do Ensino Médio, Colégio Estadual Aldemário Piheiro e Integrante do Programa de Iniciação Científica Júnior (FAPESB/UESB)

povos são apresentados em alguns compêndios didáticos brasileiros do século XX à primeira década do século XXI.

As fontes primárias da investigação se encontram no acervo do livro didático do Centro de Documentação Albertina Vasconcelos do Museu Pedagógico/UESB. Trabalhamos com livros das décadas de 1930 à primeira década de 2000.

Partimos do entendimento de que o livro didático é um instrumento de síntese do conhecimento, mas também de expressão de visões de mundo, ciência, ideologia e memória. O livro didático, conforme podera Circe Bittencourt (1998), é antes de tudo uma mercadoria do meio editorial e está sujeito a inúmeras interferências em seu processo de fabricação ao passar pelas mãos de autores, editores, ilustradores. Como depositário de conteúdos escolares se configura como um mediador de conhecimentos entre o saber acadêmico e o saber escolar cumprindo a função de instrumento pedagógico que além de apresentar o conteúdo, influencia na realização do ensino pelo docente. Desse modo,

o livro didático é um importante veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura. Várias pesquisas demonstram como textos e ilustrações de obras didáticas transmitem estereótipos e valores dos grupos dominantes, generalizando temas, como família, criança etnia, de acordo com os preceitos da sociedade branca burguesa. (Bittencourt, 1998, p. 72).

O estudo do livro didático na história da educação brasileira é uma forma de analisar os processos educativos, objetivos formativos, desenvolvimento do currículo, didática, dentre outros aspectos da orientação ao trabalho educativo para milhares de professores e estudantes.

Dermeval Saviani entende ser o livro didático o “grande pedagogo das nossas escolas. Eetivamente é ele que, geralmente de maneira acrítica, dá forma prática à teoria pedagógica nas suas diferentes versões.” (Saviani, 2008, p.158).

Ao estudar as representações dos povos indígenas nos livros didáticos, o fazemos articulando os conteúdos e imagens dos livros analisados à dimensão da questão agrária e lutas sociais que modulavam e modulam o que deve ser ensinado às novas gerações em relação aos povos originários.

Para isso, estamos a desenvolver um estudo diacrônico do material didático acerca das abordagens aos povos indígenas como contribuição ao processo de conhecimento e aprofundamento do campo dos estudos históricos da educação e do livro didático no Brasil, bem como no campo da memória.

Nesse resumo expandido apresentaremos os resultados de uma das etapas do projeto que analisou o conteúdo povos indígenas em livros didáticos dos anos 1930 a 1960

### **Livros didáticos dos anos 1930 a 1960: os povos indígenas enquanto selvagens**

Selecionamos dois compêndios para análise nesse resumo: a) História do Brasil para crianças (Corrêa, 1961) ; b) História do Brasil para a 4ª série ginásial, de autoria de Tabajara Pedroso (Pedroso, 1956).

O livro História do Brasil para Crianças foi escrito por Viriato Corrêa. Esse autor foi um dos pioneiros da literatura infantil e dos textos didáticos no Brasil. O livro “História do Brasil para crianças” é uma narrativa da história brasileira a partir do diálogo de um grupo de crianças com uma pessoa mais velha, um personagem chamado Vovô.

Ao tratar da história do Brasil, Vovô inicia falando acerca da Europa nos seguintes termos: “Antigamente o mundo era muito pequeno. Pequeno porque o que dele se conhecia era coisa muito pouca” (Corrêa, 1961, p. 22). Desse ponto de partida o autor faz uma narrativa dos fatos históricos e traz alguns capítulos sobre os indígenas.

No capítulo “A gente de Pindorama”, o personagem “Vovô” expõe aspectos da vida dos povos indígenas antes da chegada dos portugueses. Pindorama era como os povos Tupis denominavam seu território. Ao tratar dos povos indígenas ele afirma: “A Pindorama era habitada por dois **grandes povos selvagens**: os tupi-guaranis e os tapuias ou jês.” (Corrêa 1961, p.25).

Mais adiante, no decorrer do diálogo, uma das personagens, a Mariazinha, pergunta:

- E tinham religião?
- Religião lá, a moda deles, mas tinham. Além de pequenos deuses adoravam três grandes deuses: Guaraci, Jaci e Rudá.
- Os índios acreditavam ... (não estranhem eu ter falado em índios, índios, como eu já disse, foi o nome que Colombo deu aos habitantes da primeira terra americana que pisou. De agora por diante chamaremos aos habitantes de Pindorama índios, indígenas, silvícolas, isso para lhes não lhes chama unicamente (sic) selvagens. (p29)

Importante atentar, em que pese à perspectiva estereotipada acerca dos povos indígenas, Corrêa, literalmente, abre um parêntese para destacar na existência de vários povos no território e destaca que a nomenclatura “índio”, foi uma categoria atribuída pelo colonizador.

Não tivemos acesso às primeiras edições do livro. Analisamos a edição

de 1961, a qual pode ter sido atualizada e revisada a partir dos novos estudos sobre os povos originários.

Um pouco mais adiante o texto trata da alimentação dos povos originários do Brasil:

- A mesa dos silvícolas era muito pobre, explicou o vovô. Quando digo mesa quero dizer a alimentação e não o móvel a nos sentamos para comer. Porque esse móvel os silvícolas não possuíam. Para fazer as suas refeições eles (sic) se sentavam no chão, e no chão colocavam as vasilhas de comida. (...)

-Os alimentos quase não variavam: a mandioca (...); o milho, que transformavam em pipocas e cauim – uma bebida que mais apreciavam; os peixes; as caças; o mel de abelha; as frutas do mato. Só as tribos da beira mar conheciam o sal. Mesa pobre, como vocês estão vendo. (Pp. 33-34)

Outros detalhes são as imagens. Abaixo vê-se uma imagem do que o ilustrador imaginou ser uma competição na qual um guerreiro forte carrega e corre com de tronco de madeira, enquanto outro indígena, ao fundo, está sentado sobre o tronco, melancólico. Em nossa interpretação, a ilustração aponta modelos, não necessariamente indígenas, em relação à competição, padrões físicos, idealização e imaginação de situações de competição que podem não ser exatamente a pensada pelo ilustrador e pelo autor do texto.



Corrêa (1961).

Ao final do capítulo “ a gente de Pindorama”, após colocar os povos indígenas como não civilizados, com religião de “deuses pequenos”, alimentação pobre, uma cultura selvagem, o autor afirma no último parágrafo: “não devemos nos envergonhar de nossos antepassados indígenas. Eles (sic) não tinham culpa do estado selvagem em que viviam. E, apesar de selvagens, possuíam virtudes que nós hoje, com a nossa civilização, não possuímos.” (p. 38, grifos nossos)

Importante perceber como o conteúdo centrado na dominação transpassa a imagem e as concepções sobre os povos indígenas no livro de Viriato Corrêa. Todavia, o debate sobre a formação da nacionalidade brasileira, sobretudo na década de 1930, buscando as raízes da brasilidade e toda a efervescência cultural, científica, social que perpassou o debate intelectual nesse período no Brasil, de algum modo pode ter influenciado mudanças ainda muito incipientes no livro de Viriato Correia, como se pode ler nesse trecho, citado anteriormente: “não nos envergonhemos de nossos antepassados indígenas”. (Idem, p. 38).

Todavia, para Viriato Corrêa, foi com a chegada dos Portugueses que “começou propriamente a história do nosso país. Sim, porque de agora por diante, principia a nossa história civilizada”. (Corrêa, 1961, p. 49).

O segundo livro analisado, História do Brasil para a 4ª série ginasial, de autoria de Tabajara Pedroso, aborda o processo colonizador da seguinte forma: “Os portugueses trouxeram a civilização européia para o Brasil, e com ela, a sua superioridade moral e intelectual sobre as outras raças.” (Pedroso, 1956, p. 35).

O autor escreve sobre as origens dos povos indígenas, mas amplia a análise sobre os indígenas afirmando que “os índios no Brasil, porém, não constituíam uma só nação. Nem procediam de um mesmo tronco”. O texto expunha nomenclaturas da Antropologia falando das cerâmicas e Sambaquis como “monumentos arqueológicos”, todavia continuava a tratar de forma muito generalista temas como “usos e costumes”, religião e línguas.

No Livro de Tabajara, as imagens são poucas, apenas uma foto que tem como legenda “tipo indígena do Amazonas”.



Figura 2. Representação indígena

Nas décadas de 1940 e 1950 estudos antropológicos e históricos sobre os povos indígenas ganhavam novo contorno desde uma perspectiva crítica.

Destacamos os estudos de Florestan Fernandes e Darcy Ribeiro.

Outro questão a ser destacada no âmbito da compreensão das línguas e culturas indígenas e com reflexos futuros nos livros didáticos foi a entrada de entidades internacionais no Brasil, durante o governo de Juscelino Kubitschek (1951 a 1956). Uma delas foi a SIL (Summer Institute of Linguistic) que tinha o objetivo oficial realizar estudos das línguas indígenas. A SIL era o nome leigo da Wicliffe Bible Translators, uma missão protestante Norte-Americana cuja tarefa era traduzir as línguas indígenas a fim de que os povos em contato com esta entidade fossem evangelizados.

Não se pode assegurar que tais instituições tinham apenas motivos religiosos para a sua ação. Mas a investigação das línguas indígenas no Norte e Centro-Oeste com o intuito de conversão permitiu que o SIL fosse um dos responsáveis pela compreensão de várias línguas indígenas e suas culturas o que, de algum modo e, contraditoriamente, pode ter influenciado na concepções e imagens sobre povos indígenas e livros didáticos no Brasil nesse período. Questões que estamos analisando na pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos livros didáticos analisados nesse texto, podemos concluir que seus autores: a) compreendem os povos indígenas como inferiores e selvagens; b) apresentam uma perspectiva generalista acerca desses povos em relação a seus modos de vida; c) os povos indígenas só aparecem no período colonial como primeiros habitantes destacando o caráter exótico e selvagem dos mesmos. D) Provavelmente, com o desenvolvimento dos estudos antropológicos mais aprofundados no Brasil e políticas de proteção aos povos indígenas a partir dos anos 1950, mudanças na abordagem da questão indígena se fizeram presentes nos livros didáticos, como no compêndio de Pedrosa (1956).

Nosso esforço por analisar e compreender as imagens e conceitos dos povos indígenas nos livros didáticos segue na análise de outras obras do período e das lutas desses povos na atualidade.

## Referências

- BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: contexto, 1998.
- CORREIA, Viriato. **História do Brasil para Crianças**. Rio de Janeiro: Cia Editora Nacional, 1961.

PEDROSO, Tabajara. **História do Brasil para a quarta série ginásial**. São Paulo: 1956.

SAVIANI, Dermeval. **A Pedagogia no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.